
Notas Bibliográficas

AMALADOSS, Michael: *Creative Conflict*. Theological musings. Bombay: Saint Paul, 1995. 125 pp. 21,3 x 13,8 cm. ISBN 81-7109-228-2.

Nos dias de hoje, há sede de meditação. Buscam-se breves textos que a favoreçam. Em geral, predominam livros superficiais, pouco teológicos, com frases mais de auto-ajuda que de real conteúdo de fé. Este é um livro diferente. Escrito por um teólogo de envergadura. São 48 pequenos textos de 2 páginas para serem lidos com calma, meditados. Temas candentes, do cotidiano da vida cristã das pessoas, escritos de maneira simples, direta, com profundo senso teológico. São reflexões iluminadoras sobre Deus criança, o valor do corpo, momentos da vida de Jesus, tempos litúrgicos, bondade de Deus, anjos, pecado, conversão, as bem-aventuranças, etc. Algumas muito corajosas. Passam uma visão de Deus, da criatura, da realidade humana numa perspectiva crítico-social típica da teologia da libertação. Além disso, assume muitos elementos da tradição espiritual indiana, inserindo-os na nossa visão cristã.

Conjuga com extrema felicidade tanto uma valorização do corpo, das coisas criadas quanto uma perspicaz crítica ao consumismo, ao materialismo atual. Não se deixa nem levar por um espiritualismo ascético de desprezo da matéria nem também por uma glorificação da sociedade do consumo.

Tem um duplo valor, raro em obras desse tipo. Profundamente teológico, coerente, na ponta da teologia, e, ao mesmo tempo, espiritual, fácil para ser rezado e meditado. Alimenta a oração e ilumina a fé. Em alguns pontos, apresenta uma teologia bem nova, original. O tom permanece direto, acessível a pessoas que não estão acostumadas a navegar nos mares da linguagem teológica.

JBL

GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio: *A autoridade da verdade*. Momentos obscuros do Magistério eclesiástico. Tradução do espanhol por Gilmar Saint'Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 1998. 285 pp., 22,8 x 16 cm. ISBN 85-15-01750-4.

Esta nota quer unicamente fazer conhecida ao leitor a tradução desse livro de J. I. González Faus, cuja recensão já foi apresentada por esta revista quando da sua publicação em espanhol: PT 39 / n° 77 (1997) 121-123. Como o leitor poderá aferir da respectiva recensão trata-se de um livro crítico, que não visa a ficar preso às críticas, mas a abrir o fiel a uma atitude de liberdade e de maturidade na fé.

Além dos fatos históricos elencados, o A. procura conduzir uma reflexão teológica de natureza eclesiológica para que se saiba interpretá-los corretamente.

A Ed. Loyola põe, desta sorte, à disposição do leitor brasileiro esse livro do arguto teólogo espanhol.

JBL

LAUBIER, Patrick de: *L'eschatologie*. Paris, PUF, 1998. 128 pp., 17,6 x 11,5 cm. Coleção *Que sais-je?*, 3352. ISBN 2-13-048998-2.

A natureza da coleção indica o estilo conciso e de informação do texto. Ele trata da temática da escatologia, milenarismo no sentido mais coletivo e social. Deixa de lado o que convencionalmente se costuma chamar de novíssimos: morte, purgatório, inferno, céu, juízo. Não trata de nenhum deles em concreto. É o clima e as doutrinas escatológicas no conjunto que são abordadas. Por isso, logo de início, agrupa-as segundo duas grandes concepções de história: cíclica e linear. Depois explana a questão do milenarismo.

No segundo capítulo, percorre rapidamente as três vertentes escatológicas no interior do monoteísmo: judaica, cristã e muçulmana. Ele o faz de maneira rápida, clara e objetiva. A exposição por ser muito concisa deixa o leitor algo insatisfeito.

Num capítulo seguinte, dedica-se aos personagens principais da escatologia e do milenarismo e seu processo. Então estuda o messias e o messianismo, os binômios Babilônia e Jerusalém, Cristo e anticristo, para concluir com uma reflexão sobre a apostasia no final dos tempos.

Um quarto capítulo recolhe as escatologias profanas e religiosas dos últimos séculos.

Em alguns pontos, o texto é um pouco irregular, ora detalhista, ora vago. A abordagem geral é informativa e não sistemática. Não creio que contribua muito para iluminar a atual situação de final de milênio.

JBL

GENTILI, Antonio: *Quanto manca alla fine?* Profezie laiche e religiose alle soglie del Duemila. Milano: Ancora, 1998. 255 pp., 21 x 14,5 cm. ISBN 88-7610-697-9.

Livro de estilo jornalístico que agrupa, num primeiro momento, visões apocalípticas de vários autores. O A. imagina uma mesa redonda em que faz falar: E. Fromm (psicanálise), U. Spirito (filosofia), E. Severino (ciência), J. F. Kennedy (política), G. La Pira, o russo Berdjajev, o indiano Sri Aurobindo (religião), M. Heidegger, M. Guzzi (poesia).

Com esses autores, tão díspares, traça o quadro da atualidade, em seus medos e esperanças, expectativas e temores, pinçando deles frases e pensamentos candentes. Termina a mesa redonda fictícia abrindo o giro a outras vozes abalizadas.

Um capítulo intitulado "profecias leigas" detém-se sobre testemunhos de leigos de corte científico que se indagaram a respeito do destino da terra e da humanidade. Trabalha um texto do fundador do Clube de Roma, A. Peccei, onde se trata das tensões Leste-Oeste, agora já superada, e Norte-Sul, cada vez mais grave. No entanto, é um texto esperançoso. Apresenta também idéias centrais de K. Lorenz tiradas do seu livro muito conhecido: *Os oito pecados capitais da nossa sociedade*.

Um outro capítulo é dedicado aos profetas no Vaticano e nas Igrejas do mundo. Recorre a escritos de Pio XII, João XXIII, Concílio Vaticano II, Paulo VI e João Paulo II. Alude também a Encontros inter-religiosos.

Depois de capítulo introdutório, o A. aprofunda a questão da profecia mariana, de 1830 a nossos dias, com suas mensagens. Merecem relevo as aparições de Fátima, Medjugorje. É a parte mais longa do livro. Expõe alguns pormenores dos relatos dos videntes.

Os últimos capítulos são breves. Aborda o tema das manifestações carismáticas, privilegiando o caso de Vassula Ryden e de vozes do além-túmulo. Depois interroga-se, em poucas páginas, sobre a figura do Anticristo. Recolhe também alguns textos bíblicos que se referem a essa temática. E finalmente dá a palavra a alguns cientistas.

Livro que pastoralmente não vem trazer nada de novo. Pode até confundir. Reforça o clima de expectativa de fim de milênio e dá muito valor a aparições e ao testemunho de videntes. Não sei se tal ajuda muito a viver bem esse momento.

Sugiro não traduzir o livro. Conteúdo que não vem ajudar a pastoral nem trazer luzes para esse momento. Calca muito em aparições, em coisas extraordinárias. Muito jornalístico. Um centão de citações.

JBL

McGRAPH, Alister E.: *Science and Religion. An Introduction*. London: Blackwell, 1999. 250 pp., 15 x 23 cm. ISBN 0-631-20842-9.

Formado em química e doutorado em biofísica molecular pela Universidade de Oxford, o A. também cursou teologia em Oxford e Cambridge direcionando seus estudos para o tema da interação histórica entre ciência e religião, particularmente durante os séculos XVI e XIX.

Como livro de introdução supõe que o leitor conheça pouco, ou nada, sobre o estudo da relação entre ciência e religião e procura introduzi-lo aos tópicos mais importantes desse tema.

No primeiro capítulo, o A. aborda os marcos históricos da relação entre ciência e religião: as primeiras dificuldades — a nova astronomia de Copérnico e Galileu —, a síntese — o universo mecanicista de Newton e o deísmo — e a reação negativa — a controvérsia darwiniana. O destaque desta parte cabe à maneira com que o A. apresenta a diversidade de interpretações das Escrituras nas Igrejas cristãs, especialmente em relação aos primeiros capítulos do Gênesis.

Em “Religião: aliada ou inimiga da ciência?” (cap. 2), o A. define o termo religião e, para explorar o modo como as religiões e as ciências naturais diferem e convergem entre si, prioriza o cristianismo, devido à atitude mais positiva dos cristãos em relação aos conhecimentos e progressos científicos.

No capítulo terceiro, intitulado “Religião e filosofia da ciência”, o A. elenca os principais paradigmas científicos e a diversidade de posturas ante o conhecimento religioso.

Em “Ciência e filosofia da religião” (cap. 4), o A. apresenta os argumentos filosóficos e científicos acerca da existência de Deus e aborda o tema da ação de Deus no mundo. O mesmo tipo de enfoque se faz presente no capítulo seguinte, que trata do tema da criação. Já o capítulo sexto versa sobre a teologia natural e sua diferença em relação à teologia revelada.

No capítulo sétimo, o A. descreve com maestria os modelos e analogias em ciência e religião, e advoga o conceito de complementaridade.

Os dois últimos capítulos tratam de temas específicos nas áreas da física e cosmologia — o “Big Bang” e o princípio antrópico —, da biologia — darwinismo, neodarwinismo e teísmo evolutivo —, e da psicologia — Feurbach, William James e Freud — (cap. 8), e dos autores mais credenciados (cap. 9) no estudo da interação entre ciência e religião, destacando especialmente as figuras de Teilhard e Torrance.

Trata-se de uma obra escrita com leveza de estilo, explanada com clareza e concisão, e bem cadenciada didaticamente — além dos esquemas sintéticos, em cada capítulo é fornecida uma bibliografia seleta para o aprofundamento dos temas enfocados.

DM

GANOCZY, Alexandre: *Unendliche Weiten... Naturwissenschaftliches Weltbild und christlicher Glaube*. Freiburg, Basel, Wien: Herder, 1998. 192 pp., 21,8 x 14,5 cm. Coleção Technik und Weisheit. Schriftenreihe der Klaus Hemmerle Gesellschaft. Band 1. ISBN 3-451-26670-9.

É um livro interessante por duas razões principais. É um esforço concreto de diálogo interdisciplinar com as ciências naturais. É-o também porque os temas concretos escolhidos para o diálogo são hoje altamente relevantes.

Logo no início, o A. define as coordenadas metodológicas do livro. Desenvolve de maneira breve mas excelente o núcleo do método científico e teológico, mostrando os pontos de encontro entre ambos. Assume a analogia como método da inteligência de uma complementariedade dos campos da realidade.

O A. é teólogo que detém amplo conhecimento das ciências naturais. Sobre cada tema procura fazer o seguinte percurso: antes de tudo, apropria-se do dado científico, freqüentando autores de renome nesse campo; depois reage como teólogo diante de tais afirmações, e, eventualmente, reformula o correspondente de maneira teológica. O método do livro, portanto, é extremamente interessante e frutuoso.

Com efeito, um trabalho pré-teológico acumula os dados científicos de maneira clara, concisa e exata. Daí se levantam perguntas para a Teologia. O A. então defronta-se teologicamente com elas, reinterpretando-as numa perspectiva teológica. Isso implica freqüentemente uma "correção de perspectiva" tanto do dado científico como de certas versões teológicas. Com isso, produz-se uma "teologia da cosmologia moderna".

Na tratção do tema científico, sempre há o correspondente teológico. Os temas escolhidos indicam tal correspondência: o *big bang* diante da criação prolongada, o fim do universo diante da plenificação da criação, conhecimentos científicos sobre o acaso e necessidade diante da Teologia da contingência, o caos e a ordem na ciência diante dessa mesma realidade na teologia, resultados da pesquisa sobre o cérebro no contexto da problemática da relação corpo e alma, o *continuum* entre espaço-tempo diante da eternidade, a pulsão de agressividade (o "assim chamado mal" por K. Lorenz) diante da problemática teológica do mal, e finalmente o morrer, a morte e a imortalidade, vistos científica e teologicamente. Como se vê, são questões de grande atualidade, agitadas pelos cientistas e teólogos da atualidade.

Antes de tratar dos temas em concreto, o A. escreve um capítulo em que ouve grandes cientistas falarem de Deus, do "Divino" no espaço de seu trabalho de pesquisa. Escolhe para tanto: Newton, Einstein, Planck, Heisenberg, Jordan, von Weizsäcker, Prigogine, P. Davies. Depois de ouvi-los, conclui com uma reflexão sobre Deus na perspectiva da visão cristã.

Sobre cada tema, o A. é bastante sintético, claro, enquanto possível, na exposição das teorias científicas, procurando dar uma visão abrangente das mesmas. Em seguida, apresenta também de maneira densa a reflexão teológica, praticando a interdisciplinariedade. O A. consegue elaborar uma teolo-

gia pertinente bem colada ao dado científico, aproveitando o máximo que ele lhe oferece.

O A. tem admirável capacidade de síntese e de clareza, de modo que o leitor consegue ter uma idéia suficiente da questão científica, sua problemática e da contribuição da Teologia.

É um livro excelente para aprender-se, não só a teoria do método da interdisciplinariedade, como também vê-lo concretizado e realizado. Texto acessível a quem tem certa familiaridade com a cultura científica moderna. Permite perceber-se o impacto das novas ciências sobre a fé cristã. Pode ser lido por estudantes universitários ou interessados por essa problemática.

JBL

KÜNG, Hans — SCHMIDT, Hellmut (eds.): *A Global Ethic and Global Responsibilities. Two Declarations*. Londres: SCM Press, 1998. 152 pp., 21,5 x 13,5 cm. ISBN 334 02740 3.

SCHMIDT, Helmut (ed.), *Allgemeine Erklärung der Menschenpflichten*. Ein Vorschlag. Munique: Piper, 1997. 159 pp., 19 x 17 cm. ISBN 3-492-22664-7.

KÜNG, Hans — KUSCHEL, Karl-Josepf (eds.): *Erklärung zum Weltethos*. Die Deklaration des Parlaments der Weltreligionen. Munique: Piper, 1993. 139 pp., 19 x 17 cm. ISBN 3-492-21958-6.

Estes três livros têm partes comuns e partes próprias, que giram em torno de dois textos centrais: a Declaração do Parlamento das Religiões Mundiais e a proposta para uma Declaração Universal das Responsabilidades Humanas preparada pelo Inter Action Council. O texto da Declaração do Parlamento das Religiões foi produzido no Encontro realizado em Chicago, USA, entre os dias 28 de agosto e 4 de setembro de 1993. Algo imponente, com a participação de 6.500 pessoas das mais diferentes religiões. Este texto apareceu em português na Revista SEDOC 26 (1993) n. 241: 293-305.

O texto do Conselho Inter Action é de 1 de setembro de 1997. É um grupo formado por ex-chefes de Estado e de Governo, entre eles o nosso ex-presidente José Sarney, e por conselheiros acadêmicos. Um deles, Hans Küng, foi o responsável tanto de escrever a primeira versão do texto, quanto de incorporar as inúmeras correções e sugestões vindas da parte de autoridades de Estado e especialistas de diferentes continentes, religiões e disciplinas. Tanto mais apto estava H. Küng para essa tarefa quanto mais ele vinha, já há tempo, envolvendo-se com a temática. Com efeito, ele já publicara em 1990 um Projeto para uma Ética Mundial (*Projeto de Ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, São Paulo, Paulinas, 1992), e em 1997 um outro amplo estudo sobre o mesmo tema (*Weltethos für Weltpolitik und Weltwirtschaft*, Munique: Piper, 1997), e participou também do Parlamento das Religiões Mundiais.

A versão inglesa contém os dois textos em questão, impressos de maneira tal que se pode ver sua íntima relação. Ao lado dos parágrafos da Declaração do Parlamento das Religiões estão os artigos da Declaração Universal das Responsabilidades Humanas. Além disso, H. Küng, com a competência única nesse tema e com a participação direta nos textos, como indicamos acima, tem quatro textos. Sobre a Declaração do Parlamento das Religiões, redigiu uma introdução e um outro texto sobre a sua história, significado e método. Pela leitura pode-se entender a importância da Declaração do Parlamento das Religiões, mas também a dificuldade enorme para encontrar um consenso entre tradições religiosas tão diversas. Até o próprio nome de Deus criou problemas. Por isso, foi evitado para respeitar a posição dos budistas que não o aceitam.

Sobre o segundo documento da proposta para uma Declaração Universal das Responsabilidades Humanas, o ex-Chanceler alemão H. Schmidt escreveu a introdução. J. Frühbauer retrata as etapas de sua redação. Começa mencionando a fundação do Conselho Inter Action em Roma, em 1983, por T. Fukuda, antigo Primeiro Ministro do Japão, como uma livre associação de antigos chefes de Estado e de Governo. Alude aos textos de H. Küng sobre Responsabilidade global (1990) e ao do Parlamento das Religiões (1993), aos Encontros em Viena (1996), em Vancouver (1996), outro Encontro em Viena (1997) e em Noordwijk (1997), sem falar que tal problemática já vinha sendo também agitada em Encontros ligados a ONU e UNESCO.

Em outro texto, H. Küng traz também sua colaboração para a intelecção dessa problemática, acentuando o aspecto da necessidade de falar tanto de responsabilidade como de direitos, já que não há direitos sem responsabilidades. Nem todas as responsabilidades surgem de direitos.

O livro termina com um conjunto de reações internacionais à proposta do Conselho Inter Action, com breve comparação entre os dois textos feita por H. Küng e uma curta conclusão sobre a necessidade de que haja critérios para medir as ações dos governos.

Os dois livros em alemão tratam separadamente do texto do Parlamento das Religiões e da proposta para uma Declaração Universal das Responsabilidades Humanas. *Erklärung zum Weltethos* trata do documento do Parlamento das Religiões. Além da versão alemã do documento, o livro presta contas do texto de H. Küng, publicado na versão inglesa, sobre a história, significado e método do documento do Parlamento das Religiões. Além disso, K.-J. Kuschel tece comentários sobre o mesmo documento de Chicago, recuando a um evento acontecido na mesma cidade um século antes, em 1893: a Exposição Internacional comemorativa dos 400 anos da descoberta da América por Colombo. Ao lado de gigantesca demonstração do desenvolvimento material, tecnológico dos EEUU, houve um "Congresso Mundial Auxiliar" em que se abriam espaços para campos da cultura e da religião. E um pastor presbiteriano de Chicago pensou num Parlamento das Religiões Mundiais e promoveu um encontro que agrupou representantes de 45 diferentes religiões. Estava lançada a semente. O A. estuda o avanço dessa iniciativa até a reunião de 1993 e seus principais temas: pensar global, espiritualidade e ética.

O outro livro, em alemão, *Allgemeine Erklärung* versa sobre a proposta da Declaração Universal das Responsabilidades Humanas. É uma versão alemã do mesmo conteúdo do livro em inglês, a saber: uma introdução de H. Schmidt, o comentário de J. Frühbauer, de H. Küng, as reações internacionais, uma comparação dos dois textos feita por H. Küng e a mesma conclusão.

Diante desses três livros, o leitor pode contentar-se muito bem com o livro em inglês que tem quase tudo dos dois livros em alemão. E o que deixa de fora não é imprescindível para captar o essencial dos dois documentos estudados.

Vale a pena tomar ciência dessa maravilhosa iniciativa mundial das Religiões em vista de uma Ética global. Abrem-se esperanças para a Humanidade.

JBL

AMALADOSS, Michaël: *À la rencontre des cultures. Comment conjuguer unité et pluralité des Églises?* Paris: l'Atelier - Ouvrières, 1997. 172 pp., 21,5 x 13,5 cm. ISBN 2-7082-3291-6.

Tema extremamente atual, trabalhado por uma das maiores autoridades teológicas no assunto. Avança posições de ponta. Posto que bem fundadas teologicamente, não deixam de ser audazes. Busca encontrar uma solução para o diálogo inter-religioso que não fique preso ao inclusivismo nem ao pluralismo. Posição original. Merece ser conferida.

O tema central é a relação entre evangelho e cultura. Quer ir além da maneira normal de encarar a questão da inculturação. O primeiro capítulo se intitula precisamente: para além da inculturação. Quer superar uma compreensão *a priori* do problema. Por isso, estuda-o sob o prisma do encontro do evangelho e cultura e não simplesmente da relação abstrata entre ambos. A matriz de tal compreensão da inculturação é o encontro entre Deus e o ser humano, desenvolvido em termos fenomenológicos no segundo capítulo. Esse encontro entre cultura e evangelho é aprofundado em quatro capítulos. Um trabalha, de modo mais geral, o diálogo entre evangelho e cultura. Outro encara a relação cultura e sociedade. Outro trata da importante temática do rito e, enfim, um outro detém-se na questão do método teológico. Dois capítulos seguintes abordam temas específicos como a religião popular, o conflito entre modernidade e evangelho. O livro termina com uma reflexão muito aguda, fundamental, sobre a tensão entre unidade e pluralidade, tão fortemente sentida.

Os assuntos são todos candentes. O autor é excelente e corajoso teólogo. E alguém que fala de dentro de uma cultura ancestral, não cristã, em que o problema da inculturação do evangelho é sobremaneira relevante. Por detrás da reflexão há muita vida de uma Igreja que se defronta cada dia com esse problema. Não é nenhuma questão simplesmente acadêmica, mas que está no centro da evangelização.

JBL